

A bela saga da floresta da Tijuca e de seus heróis

Livro festeja 140 anos de recuperação da área verde, relembrando o esforço de reflorestamento e a criação do parque

Cecilia Costa

• Que o Rio é belo chega a ser lugar comum. Sua exuberância, seu verde, sua baía, suas montanhas, seu sol, seu céu, o branco da areia foram exaltados pelos seus primeiros visitantes — entre eles Vespúcio, Tomé de Souza, Anchieta e Darwin — e continuam motivando rimas e trovas. Há quem ache até que a luxuriante região deveria ter ficado virgem, já que o homem, com sua ocupação destrutiva, transformou o que era um paraíso numa cidade infernal, destrocada por sua guerra social e pela desordenada urbanização.

O paraíso está perdido. Sonhemos com um futuro melhor. Mas pelo menos é bom saber que partes do antigo éden estão vivas até hoje pela ação do homem. Nem tudo foi destruição, pois houve heróis ou pelo menos seres conscientes que lutaram pela preservação de sua beleza natural, com esforço e paixão. É isso o que aprendemos ao ler o livro "Parque Nacional da Tijuca" — 140 anos de reconstrução de uma floresta", editado

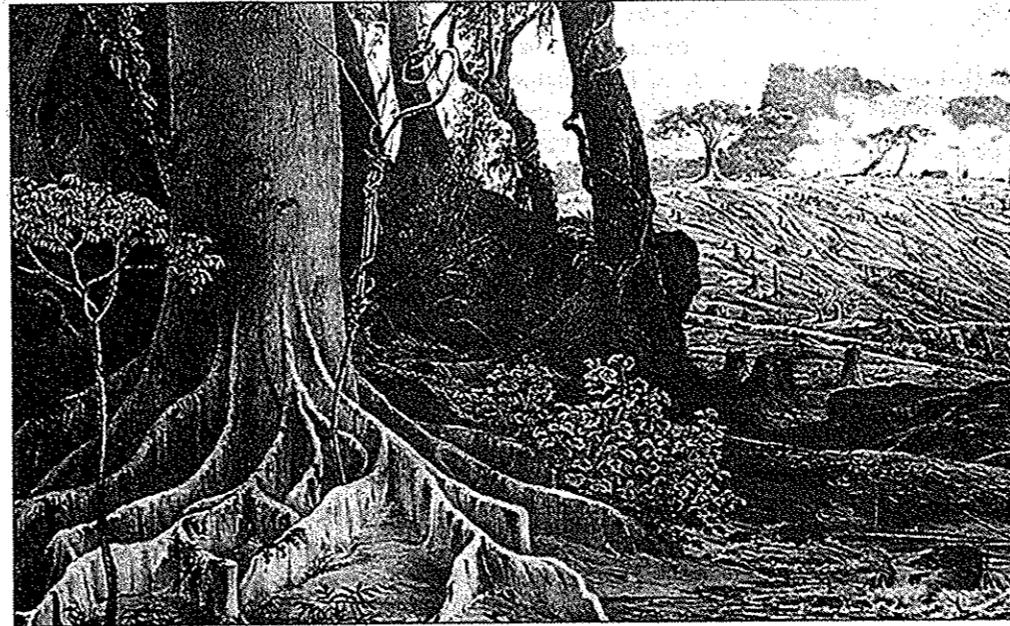


MAJOR ARCHER: 80 mil novas mudas

pela Ouro sobre Azul com apoio da RepsolYPF, e que será lançado na quinta-feira no Solar da Imperatriz (Jardim Botânico).

Contendo textos do jornalista Marcos Sá Correia, do biólogo Gustavo Martinelli e do diplomata Pedro da Cunha Menezes — cônsul-adjunto do Brasil em

Sidney e ex-diretor executivo do Parque da Tijuca — o livro, ilustrado por fotos de Ricardo Azoury, nos fala de homens que tinham um ideal, como o Major Archer, o Barão de Bom Retiro, o tenente-coronel d'Escagnole e Castro Maya. Todos eles lutaram para que o Rio, apesar de



GRAVURA DE VON MARTIUS: a floresta do Rio sendo cortada para o plantio e produção de café

sofrer tantas agressões ecológicas, continuasse a ter uma imensa área verde, que não se resumia à floresta da Tijuca. Era todo um parque a ser preservado, exigindo a atenção das autoridades, para que com ele não ocorresse o que aconteceu com toda a Floresta Atlântica do Brasil, re-

sumida hoje a 8% do que foi.

Muito antes de se falar em biodiversidade, meio ambiente, ecologia, o Major Archer já estava lutando para recuperar o ecossistema do Rio, cuidado da sobrevivência da vida animal e vegetal. Ele foi o homem que o Imperador Pedro II, em 1861,

Reprodução

encarregou de salvar as florestas da Tijuca e das Paineiras, que de tão maltratadas — pelo corte de árvores e surgimento de áreas de cafeicultura — estavam deixando a cidade sem água. Foi com o auxílio de seis escravos — Constantino, Eleutério, Leopoldo, Manuel, Maria e Mateus — que o major deu início ao reflorestamento em 1862. Das 80 mil novas mudas que plantou, vingaram 46 mil.

Seriam necessários mais cem anos para que essa área reflorestada viesse a ser elevada à categoria de Parque Nacional do Rio de Janeiro, englobando a floresta da Tijuca, áreas das Pedras da Gávea e Bonita, a serra da Carioca e as chamadas florestas do Andaraí e da Covança. Em 1967, passaria a se chamar Parque Nacional da Tijuca, ao perder as florestas do Andaraí e Covança. E seriam muitas as outras peripécias até que em 1999 viesse a se tornar objeto da gestão compartilhada do Ibama e da Prefeitura do Rio, o que só está trazendo melhorias, entre elas a coleta do lixo e o aumento da segurança. ■

Class. _____

Data 14/1/2002 Pg 15

Fonte O Globo (Rio)

Documentação